

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA BAHIA
CAMPUS PORTO SEGURO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

JOSÉ RAIMUNDO SANTANA, SEU PATXYÓ

**MANOEL SANTANA: UM GRANDE EDUCADOR E LÍDER ENTRE OS
PATAXÓ**

Porto Seguro

2022

JOSÉ RAIMUNDO SANTANA, SEU PATXYÓ

**MANOEL SANTANA: UM GRANDE EDUCADOR E LÍDER ENTRE OS
PATAXÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Porto Seguro, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. José André Ribeiro

Porto Seguro

2022

Ficha Catalográfica ou Ficha de Identificação da Obra

ALFREDO SANTANA FERREIRA

Lideranças Política da Aldeia Boca da Mata

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José André Ribeiro (Orientador)
IFBA

Prof. Dr. Alexandre Capatto
FAES

Prof. Dr. Pablo Antunha Barbosa
UFSB

Juari Braz Bomfim
(Liderança Indígena Pataxó)

Prof. Dr. Leonardo Thompson da Silva
IFBA (Suplente)

Coordenação da Licenciatura Intercultural Indígena

Prof. Dr. José André Ribeiro (Orientador)

Porto Seguro, 2022

NOTA DO ORIENTADOR

Apesar de não fazer parte da prática acadêmica este tipo de nota, gostaria de fazer uma breve observação sobre a natureza textual deste trabalho aqui apresentado, pois, dentro da tradição acadêmica, por vezes, é importante esclarecer algumas opções intelectual e politicamente feitas. Procuramos aqui, em um trabalho conjunto de orientador e de orientando, manter a natureza da expressão verbal tal como ela é utilizada em uma narrativa oral, transposta para a escrita, para que o uso acadêmico da história, que aqui se encontra, represente o relato feito pelo próprio protagonista, em sua vida, tanto pessoal quanto comunitária. O intuito é reconhecer e valorizar suas características, inclusive aquelas de expressão verbal. Nesse sentido, o que para um trabalho acadêmico tradicional poderia significar incorreções verbais e gramaticais, aqui, neste trabalho, são fruto da necessidade de reconhecer a natureza diferenciada e específica da formação do professor indígena. Isso se deve ao fato de buscar que ele consiga dizer e expressar dentro da sua própria forma de linguagem, sem imposição externa, com as expressões e os modos de dizer que lhe forem úteis, para que disso seus protagonismos histórico e social sejam reconhecidos, como uma experiência acadêmica peculiar, de acordo com aquilo que se manifesta na história do seu povo e da sua comunidade.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Mapa dos lugares onde moravam as famílias Pataxó antes da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal em 1961	22
Figura 2: Área demarcada do território da Aldeia Barra Velha	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	20
MANOEL SANTANA: UM GRANDE PENSADOR E EDUCADOR ENTRE OS PATAXÓ....	20
1.1. Origem familiar, trabalho e vida comunitária.....	20
1.2. A sua luta pelo território e a organização do povo Pataxó	21
1.3. As lutas e estratégias para o acesso às políticas públicas para a Aldeia Boca da Mata.....	28
1.3.1. Projeto comunitário e atuação política.....	29
1.3.2. Geração de renda e sustentabilidade ambiental	29
1.3.3. Escola e qualificação profissional.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIA.....	34

INTRODUÇÃO

Eu José Raimundo Santana, nome indígena Patxyó, nasci em Barra Velha no ano de 1962, filho de Manoel Santana e Maria Braz Ferreira. Pertencente a etnia Pataxó sou pescador, agricultor e artesão. Morei em Barra Velha até os 16 anos de idade.

A minha infância não foi boa, onde perdi a minha mãe ainda pequeno; eu nem conheci a minha mãe. Conta a minha tia que ela era muito trabalhadeira e gostava muito de roça, uma noite ela teve febre e no outro dia foi para a roça chegando lá encontrou uma abacaxi madura e ela chupou, quando ela chegou em casa com muita febre e com isso veio a morrer rápido, logo no dia seguinte. Para mim foi um pesadelo, mas para minha sorte, minha tia não tinha filho e ela tomou conta de mim como se fosse filho dela.

Com isso fui vivendo aqui e ali. Como temos uma família grande, um dia ficava na casa de um, outro dia na casa do outro e assim fui levando a minha vida até os 14 e 15 anos. Só então pude dialogar com meu pai, já que meu pai tinha 4 filhos de um outro casamento e eles me rejeitavam como irmão. Foi triste para mim.

Na aldeia não tinha escola nesse tempo e foi aí que minha tia chamou meu pai e falou que ele tinha que me ajudar. Nessa época, tinha um índio na aldeia Barra Velha que veio corrido lá de Caramuru¹ e ele sabia ler e escrever. Os pais de alguns meninos se reuniram e fizeram uma proposta para o tal senhor Sulino pedindo para que ele nos ensinasse a ler que eles pagariam com alimentação. Nesta ocasião, meu pai me ajudou, e como não tinham dinheiro, eles levavam o que produziam na aldeia: um levava peixe, outro levava farinha o outro levava banana, batata... e assim pagavam o professor.

1 A Reserva Indígena Caramuru-Paraguassu, se localiza no sul da Bahia, nos municípios de Itajú do Colônia, Camacã e Pau-Brasil e é habitada pelos indígenas da etnia Pataxó-hã-hã-hãe. Conforme o site do Instituto Socioambiental, A RI Caramuru-Paraguassu compõe uma faixa que se estende do rio Cachoeira ou Colônia, ao norte, até o Pardo, ao sul. O Posto Caramuru teria sido instalado em 1927, à margem direita do rio Colônia ao norte da reserva, em área formada por extensos pastos artificiais. O único rio que corta a reserva é um riacho de água salobra, sugestivamente denominado Salgado. Devido à extinção de outras aldeias, por força da Lei N. 198, de 21/08/1897, do Poder Executivo do Estado da Bahia, diferentes grupos indígenas foram, em épocas distintas, deslocados para a área da reserva Caramuru-Paraguassu. De Olivença teriam vindo contingentes Tupiniquim e Botocudo (Aimoré e Gueren); de Santa Rosa, os Kariri-Sapuyá, que já haviam sido expulsos de Pedra Branca, situada na porção sul do Recôncavo baiano; e da antiga aldeia de Ferradas (São Pedro d'Alcântara), grupos Kamakã e Gueren. Em sua totalidade, os índios conhecidos sob o etnônimo englobante *Pataxó Hãhãhãe* abarcam, hoje, as etnias Baenã, Pataxó Hãhãhãe, Kamakã, Tupinambá, Kariri-Sapuyá e Gueren. Habitantes da região sul da Bahia, o histórico do contato desses grupos com os não-indígenas se caracterizou por expropriações, deslocamentos forçados, transmissão de doenças e assassinatos. A terra que lhes foi reservada pelo Estado em 1926 foi invadida e em grande parte convertida em fazendas particulares. Apenas a partir da década de 1980 teve início um lento e tortuoso processo de retomada dessas terras, cujo desfecho parece ainda longe, permanecendo a Reserva *sub-judice*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3_H%C3%A3-H%C3%A3-H%C3%A3e>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Já me lembro que em 1978 a 1979 a Funai colocou a primeira escola na aldeia onde vieram professores de Minas Gerais para ensinar. Com isso foi um grande alívio para os pais na aldeia. Para eu e um outro colega que tinha na aldeia que já sabia assinar o nome foi bem mais fácil para se alfabetizar.

Foi aí que começou a primeira pesquisa da língua Pataxó, onde os parentes viajavam para Brasília e lá os outros indígenas falavam que a gente não era mais indígena porque não sabíamos falar nossos dialetos. Quando chegaram na comunidade reuniram todos para fazer perguntas aos mais velhos na aldeia sobre algumas palavras Pataxó que estavam esquecidas. Foi aí que tivemos uma grande surpresa: os nossos velhos sabiam de muitas coisas, só não queriam mostrar com medo dos preconceitos que sofreram no passado. Começamos essa pesquisa sem saber que anos depois ia ser muito importante para o reconhecimento da nossa identidade.

Nessa época, eu e meu colega Sálvino gostávamos muito de cantar, ele era apaixonado por um cantor português chamado de Roberto Leal. Eu e meu amigo fizemos algumas músicas Pataxó, inclusive tem uma delas, a mais antiga, que nunca foi cantada:

Hamiou kakusú a cocar o kigeme da jokana ta pibá
 Ihé oi oi itxiado remugou hamiou mokiado
 Jokana tokina tem não mokia atamia
 Ihé oi oi itxiado remugo hamio mokiado (2 x)

Nesse mesmo ano eu e José Pinheiro fomos escolhidos para participar de um curso de enfermagem em Recife, no estado de Pernambuco. Quando chegamos lá, tivemos que passar por uma prova de reconhecimento como indígena e como nós não falávamos a língua de forma fluente os outros indígenas disseram que tinha que colocar uma marca em nós, assim, fomos obrigados a furar a orelha para que pudéssemos continuar no curso. O meu colega não aceitou, mas eu aceitei. Quando cheguei na aldeia foi um grande susto para a comunidade, nesse tempo o nosso povo ainda tinha medo devido ao que tinha acontecido com eles no período do fogo de 1951, onde os mesmos tinham passado por uma grande violência por parte da polícia e do povo não índio da região. Nessa época não tinha ninguém na região com a orelha furada, tinha-se preconceito onde os mais velhos da aldeia queriam que eu não seguisse com aquele costume. Eu fui o primeiro Pataxó a furar a orelha depois do Fogo de 51, isso para nós foi um avanço, e hoje perdemos o medo e a vergonha de aparecer e permanecer como Pataxó.

Fiz o curso de enfermagem só que eu não tinha nenhum documento nem registro. Por isso não poderia me empregar e a Funai me levou para tirar meus documentos em Governador Valadares em Minas Gerais. Naquele momento eu não tinha a idade necessária para tirar os documentos, naquele tempo só tirava documento com 18 anos e eu tinha 16. Como a Funai tinha um tempo para encerrar as contratações desse pessoal, eu acabei perdendo a oportunidade de trabalhar na Funai como enfermeiro. Mesmo assim eu ajudava meu tio na enfermaria aqui na aldeia como voluntário. Nesse tempo eu arrumei uma jokana e me mudei para Boca da Mata, onde os pais dela tinha roça e ela não queria sair de perto de seus pai. Também era muito difícil para chegar até Boca da Mata nesse tempo, pois a aldeia estava se iniciando e tinha penas 3 moradores.

Depois eu vim para Boca da Mata em 1980, não tinha nada aqui, era tudo mata, as primeiras roças foram abertas em 1978 e 1979. Por ser uma aldeia que era uma extensão de Barra Velha, Boca da Mata se desenvolveu muito rápido. Em 1980 tinha poucas famílias e alguns anos depois já chega a mais de 100 famílias, hoje tem 300 famílias e uma população de quase 3000 pessoas.

Na educação teve um grande crescimento, pois se no começo não tinha escola, com o crescimento da população e o empenho de lideranças, políticos e órgãos de apoio conseguiram fazer 2 escolas. Hoje temos 400 alunos e 30 funcionários que trabalham em nossa escola. Para quem só tinha uma escola feita de taipa construída pela comunidade para nossa história foi um grande desenvolvimento em pouco tempo.

Quando ainda morava em Barra Velha estudei até a quarta série e aí parei. Como nesse início não tinha escola aqui em Boca da Mata, eu e a jokana trabalhava na roça, e nesse tempo disparamos a fazer menino, só conseguimos fazer 10 e agora para cuidar deles tive que me virar de todo lado, foi uma luta muito grande. Muito tempo depois, eu lembro que um dia eu tava doente, estava trabalhando doente, com febre, e meu pai chegou lá, se sentou num pau e eu peguei conversar mais meu pai. Então ele chegou para mim e falou assim, eu lembro que nem hoje, ele falou assim: “Olha, você vai ter que parar de trabalhar na roça e você vai ter que estudar... Olha, você vai ter que estudar pois estamos precisando de pessoas preparadas aqui na aldeia para tomar conta da saúde da educação e são vocês que tem que cuidar”. Naquele tempo já tinha a escola em Boca da Mata, mas como eu tinha muitos filhos, então eu falei para o meu pai: “Como é que eu vou pra escola? Pai, como é que eu vou pra escola com essa gente de menino pra cuidar?”. E ele falou: “Não, você tira um tempo, você tira um tempo pro seus estudos, você trabalha de dia e de noite você... uma horinha que você vai estudar...”. Foi então

que eu botei na minha cabeça e falei: “Poxa, então é isso mesmo que eu vou fazer!”. E ele falou: “Porque quando você chegar cá na minha idade você não vai ter fôlego pra você ficar puxando enxada não”. Então eu pensei: “E agora hein?”. Naquele tempo, os filhos obedeciam os pais, e é o que eu tenho falado aqui: eu fui de um tempo que o respeito que os filhos tinham pelo pai era diferente.

Então eu voltei para a casa e falei para a minha mulher a conversa que eu tinha tido com meu pai. Naquela ocasião a minha mulher deu um pulo e falou: “Ôh, negativo! Você vai fazer o que na escola?”. Então ela jogou água no meu pensamento, mas mesmo assim eu falei: “Rapaz, eu vou enfrentar e vou fazer o pedido do meu pai!”. E assim, eu peguei um livro, comprei um caderno e na hora de eu ir pra escola eu abracei meu caderno e fui pra escola. Chegando na escola eu topei com uns camarada que me falaram: “Ói, ele bota o caderno igual as muié!” Mas assim mesmo fui. Na volta, vindo da escola eu topei um compadre meu e falei: “Compadre, bora pra escola moço, mais eu?” E ele falou: “Rapaz o que você vai fazer lá moço? Para com isso moço, tu não aprende nada mais não!” Ele falou: “Vai trabalhar em sua roça rapaz, é melhor, você vai pra escola perder o seu tempo, não vai aprender nada!”. Aí voltei com a cabeça assim, teimando, não incentivam você a fazer escola depois de grande. Mas eu não desisti.

Comecei a estudar e já no segundo ano de escola me convidaram para dar aula de cultura. Na ocasião eu falei: “Poxa, mas como é que eu vou dar aula? Dar aula me pareceu muito forte naquele momento, como é que eu ia dar aula se eu não sabia nada? Eu já sabia falar algumas palavras de nossa língua tradicional, sabia cantar algumas músicas, mas mesmo assim eu neguei. No mês seguinte me convidaram de novo: “Rapaz vai, você tem potencial pra isso”. Mas eu tinha muito receio de ir para frente de um grupo de pessoas pra falar. Foi então que o cacique falou que me ajudaria, ele era meu irmão e então resolvi começar.

Depois uma pessoa da secretaria de educação me falou: “Se você vai estar dando aula, você vai ter que fazer um curso, você vai ter que fazer o magistério”. Fiz um programa que chamava Acelera Brasil², depois fui para o Ensino Médio e para fazer o magistério eu teria que viajar para Eunápolis, Salvador e Porto Seguro, onde aconteciam as aulas.

²Conforme o site do Ministério da Educação (MEC), o programa de correção de fluxo escolar Acelera Brasil, esteve vinculado ao Instituto Ayrton Senna (IAS) e foi oferecido aos municípios prioritários nas ações educacionais do MEC por terem apresentado baixo Índice de Desenvolvimento da Educação (Ideb), em 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=11772:sp-1996334675>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Nesse primeiro momento a minha mulher não aceitou, a família em casa não apoiou, mas eu ingressei no curso mesmo assim. E foram oito anos de luta até eu me formar. Depois, quando a minha mulher viu que aquele trabalho estava virando uma renda, ela começou a me apoiar para que eu não parasse de estudar e começou a mudar, a ter uma visão diferente sobre os estudos.

Foi então incentivado pelo meu pai Manoel Santana que começamos e hoje eu estou na faculdade, cursando a Licenciatura Intercultural Indígena no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia, no campus de Porto Seguro. Nesta mesma tradição, eu e Dona Ana, minha jokana, também demos muito apoio aos nossos filhos para estudar. Edi Marcos fez a licenciatura pela UNEB Josiane, Sebastiane e Cleidiane fizeram licenciatura pela UFMG, Marcones fez licenciatura pelo IFBA e hoje já estão formados e são professores aqui da aldeia. Josicleide se forma esse ano pela UFMG. Passamos por um grande perrengue para chegar até aqui, fiz um investimento nos meus filhos, dei a eles o que eu pude dar, se um dia eles se lembrarem, eu fiz a minha parte. Os meus outros filhos ainda estudam.

Para mim está sendo um grande desafio, no qual a idade também já não me ajuda. Hoje tenho vários problemas de saúde, mas enfrentei as minhas dificuldades, superei as minhas dores e estou finalizado o meu curso com apoio das minhas filhas e companheiros que me ajudaram e me deram incentivo para chegar até o final. Hoje venho dizer a todos e todas que acreditaram em mim, professores, coordenadores e parceiros pois em momentos que a gente se sente fraco as pessoas boas nos dão esperanças para seguir em frente, mas para isso a pessoa também tem que acreditar.

Pretendo com esse trabalho escrever a trajetória de vida de Manoel Santana para que as pessoas da nova geração conheçam a história de um herói Pataxó que sempre lutou para a sustentabilidade do território e uma vida melhor para sua família e comunidade, onde o seu pensamento sempre foi ver os seus filhos e netos vivendo bem.

Digo que se esses relatos não forem escritos, perderemos muitas histórias, como já perdemos outras histórias e relatos que deveriam servir hoje como fonte de pesquisa para os jovens estudantes que hoje, muitas vezes, desconhecem a sua própria história. Escrevo sobre estas histórias para que não se percam os relatos dos grandes anciões desta comunidade, sendo este um guerreiro que sempre foi exemplo para os jovens caciques que hoje estão na luta.

CAPÍTULO 1

MANOEL SANTANA: UM GRANDE PENSADOR E EDUCADOR ENTRE OS PATAXÓ

1.1. Origem familiar, trabalho e vida comunitária

Manoel Santana nasceu na aldeia Barra Velha no ano de 1924. É filho de Isidória Ferreira e Alfredo Marcos Santana, e na infância morou em Caraíva e no rio Jambreiro. Quando jovem, voltou a morar em Barra Velha, sua aldeia de origem. Não foi criado por seu pai, seu pai não era indígena, a família dele veio de Serrinha, perto de Salvador. Sua mãe, uma índia da família Ferreira foi quem o criou, e assim, seu nome ficou Ferreira, a família Ferreira.

Desde menino ele já era esperto. O pessoal conta que ele era muito trabalhador e que desde criança ele já mexia com muitas coisas. Ele tinha uma roça pra cima de Caraíva, como os nossos espaços nesse tempo eram grandes, o pessoal conta que pra todo canto o índio botava roça, ele tinha a sua roça no Jambreiro, na terra dele, só que ele morava em Barra Velha. Naquele tempo eles andavam muito, antigamente morava muito índio em Caraíva, lá era uma aldeia também, tinha Barra Velha e tinha Caraíva.

E assim, seu Santana, como era chamado pelos seus colegas na aldeia, em sua trajetória aprendeu a fazer de tudo um pouco: pescar, serrar, carrear com boi, *barciar*³ no rio e desde cedo aprendeu a trabalhar na roça. Ele viveu muito em Caraíva e quando ele já estava grande, saiu junto de sua mãe para Barra Velha, lá ele constituiu família e começou a luta, com o pessoal de lá, desde pequeno já lutando pela aldeia e os parentes. Na época da criação do Parque Nacional e do Fogo de 51, ele apresentou seu espírito de liderança ao reunir o povo para não sair naquela época.

Constituiu a sua família ainda muito jovem, casou-se com a sua primeira esposa, dona Adélia, em Barra Velha, com quem teve 4 filhos: Josias, Maria José, Nalva e Oziel. Depois se casou com Maria Braz Ferreira e teve um filho, José Raimundo. Dona Maria adoeceu e morreu, e assim, um tempo depois, se casou com Anália Maruim, com quem teve dez filhos sendo eles: Célia, Alfredo, Ivan, Juliana, Didi, Matias, Neguinha, Indiária, Antônio José e Cassinha. Além de dois filhos que vieram a falecer precocemente. Com esse total de filhos, foi feito uma

³Trata-se do transporte de madeira pelo leito do rio, em balsas feitas com as próprias toras de madeira, em geral pelo rio Caraíva até a serraria que estava localizada em sua foz.

pesquisa onde os netos e bisneto chegam a cento e vinte, isso há cinco anos atrás, agora já deve chegar aos cento e cinquenta ou mais. Contam as pessoas que o conheceram que quando ele era novo ele era valente e muito namorador, dizem que ele teve cento e vinte namoradas, foi noivo doze vezes e se casou com três mulheres.

Umas das suas expectativas era de fazer uma aldeia com filhos e netos e para isso ele tinha a ideia de preparar seus filhos para assumirem as ações de trabalhos como cacique, liderança, professor, coordenador, diretor, agente de saúde, e na política como vereador, etc. Seu Santana tinha uma grande expectativa entre a sua família de fazer novas lideranças capazes de levar em frente os seus trabalhos com a comunidade. Quando ele falava em melhorias para a aldeia ele não se referia apenas a sua família, mas sim a todas as famílias pataxó. A onde tinha um pataxó ele ia lá para falar com aquela pessoa, ele não olhava a idade sempre acolhia a todos.

Assim, o seu trabalho e sua trajetória sempre foi em busca de melhoria para a comunidade, foi liderança por muito tempo até se tornar o cacique da aldeia, atualmente é o pajé em Boca da Mata. Desde pequeno, lutou para ajudar o seu povo e em sua trajetória como líder sempre foi ouvido, pois as suas ideias sempre foram bem sucedidas, ou seja, reconhecidas pelas pessoas, já que era um grande conhecedor de todo território pataxó, bem como os locais de morada das pessoas que vivem aqui. Sempre lutou em busca da demarcação das suas terras e foi um defensor da educação quando ainda não tinha escola em Boca da Mata. Fez muitas viagens à Brasília para cobrar uma escola de qualidade para seu povo.

Santana, como sempre foi chamado, é uma pessoa que todos têm o seu respeito, é compadre de toda a comunidade. Na época de semana santa uma grande parte da aldeia vai até a sua casa e ajoelha aos seus pés. Manoel Santana, como é conhecido, vai fazer 100 anos.

1.2. A sua luta pelo território e a organização do povo Pataxó

Na época da criação do parque de Monte Pascoal⁴ em terras pataxós, ele travou uma briga com os guardas e representantes do órgão IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal) onde eles queriam que índios saíssem. Mas ele foi insistente e não saiu, foi morar no *combro*⁵ da praia, mas não saiu do seu lugar. Após o massacre do fogo de 51, os nossos parentes estavam

⁴ O Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP) foi criado em 1961, tendo inicialmente 22.500 e possui importância biológica ímpar, sendo um dos poucos fragmentos de Mata Atlântica ainda restantes no litoral nordestino.

⁵ Na areia da praia, nas proximidades do mar.

todos espalhados em fazendas e vilarejos próximos da aldeia. Os guardas do IBDF, na época da demarcação, chegaram falando que iam demarcar o território que seria a terra dos índios, depois que a terra estava demarcada eles falaram que não era mais uma terra indígena, que era um parque nacional que tava sendo criado em cima daquele território. Disseram que era para os indígenas saírem, se retirar dali, que naquele momento ninguém mais botava roça.

Meu pai nesse tempo morava no Campo do Boi, a roça dele era lá, e aí, ele falou: “Vou pra onde, morar a onde? Deixar minhas coisas aqui e sair daqui? Não vou!”. Na figura abaixo podemos localizar alguns dos lugares onde moravam as famílias Pataxó antes da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal em 1961.

Figura 1: Mapa dos lugares onde moravam as famílias Pataxó antes da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal em 1961



Fonte: Anari Braz Bomfim - Leituras Pataxó: Raízes e Vivências do Povo Pataxó nas escolas, 2007.

Naquela época o governo ofereceu uma indenização para tirar o pessoal do local demarcado para o parque nacional. Eles tinham colocado um valor na roça dos índios, e na hora de pagar veio dar outro valor, muito menor que o prometido. Então uns pegavam, outros não pegavam, aqueles que não aceitavam, não pegavam nada, saíam sem nada, aí ele pegou vinte e cinco (25) mil réis naquele tempo e falou: “Eu vou pegar esses vinte e cinco (25) mil réis, mas não vou sair não! Eles que tão me dando, eu vou ficar!”. Contudo, como ele morava no Campo do Boi, dentro da área demarcada pelo IBDF para o parque nacional, ele teve que se juntar aos índios que não saíram de suas terras e foi morar no *combro* da praia, na beira do mar.

Neste local, os índios não tinham espaço para plantar nada, porque na praia não dá nada, ou você vive da pesca ou você vai passar fome. Esses índios moraram um bom tempo lá, no barranco da praia. Ele conta que quando foi um dia, ele estava imaginando o que que ia fazer ali na beira da praia quando então chegou um senhor comprando cobre (eram panelas, coisas velhas, tachos velhos, coisas antigas...), e perguntou a ele se tinha alguma para vender e ele falou: “Rapaz eu mesmo não tenho não, eu não tenho nada! Mas os parentes aí, os mais velhos têm panela, algum tacho véio aí...”. Foi então que o tal senhor falou assim: “Rapaz vocês estão morando aqui? Por quê que vocês estão morando aqui? Vocês moravam numa terra tão boa aí...”

Foi então que ele contou o que havia acontecido, e da proibição de viverem na área demarcada. Após ouvir a situação dos índios relatada por Santana, o senhor que comprava cobre falou pra ele: “Por que que vocês não vão pro Rio de Janeiro, lá no Rio de Janeiro tem um órgão, que é o SPI, e que trata das questões indígenas, por que que vocês não vão pra lá pra resolver estas questões? Eles vão ajudar vocês nestas questões aí...”. Naquele dia o viajante falou pra ele o endereço e explicou que era numa praça que tinha no Rio de Janeiro. Ele era de lá do Rio de Janeiro. Foi então que Santana falou: “olha, eu vou procurar os meus parentes e ver se nós consegue ir...”.

Santana conta que logo após a partida do viajante, ele olhou para ver os índios que tinha mais próximo e foi falar com os colegas. No primeiro momento, os colegas pularam fora, diziam: “Rapaz você tá doido, como é que nós vamos pra lá? Vamos mexer com isso aí? E a polícia moço?”. E ele falou: “Não moço, primeiro nós vamos conversar com o pessoal, vamos procurar apoio”. Aí ele mandou chamar seu tio Epifânio, que nessa época tava morando em

Itaquena, o filho de Epifânio, que era Luiz Capitão, e Parmiro. Esse velho veio e falou para ele: “Nós vai!” Então, reuniram mais alguns e pensaram: “como é que nós vamos?”

E assim, eles se reuniram à noite para articular essa viagem, porém um dos membros da aldeia que estava ali na reunião foi até a sede do parque falar pra os guardas que os índios estavam se articulando para ir ao Rio de Janeiro reivindicar os seus direitos. Quando foi no outro dia, os guardas chegaram lá na praia falando: “É, nós estamos sabendo que vocês vão pro Rio de Janeiro reivindicar os direitos, quem for pra lá vai, agora quem ficar aqui vai tomar uma surra”. Então, os índios que estavam querendo ir ficaram com medo e falaram: “Pô, vou deixar meus filhos, minha mulher e meus filhos aqui pra apanhar desses caras”. Foi então que o véio falou: “Não, eu vou meu filho, vocês têm coragem de ficar?” Aí meu pai falou: “Eu fico! Pode deixar sua mulher mais nós aqui que eu fico, daí o senhor vai”. E assim foram o véio Parmiro, Epifânio e seu filho Luiz. Santana ficou tomando conta das mulheres, ele ficou esperando os guardas e eles não apareceram.

Mas ainda havia outra questão para ser resolvida: “E o dinheiro?”. Foi então que eles se reuniram e venderam “uns trens velhos” que tinham. Manoel Santana, que estava pescando na época, arrumou um saco de peixe e cedeu um jegue dizendo: “Pega esse jegue, bota *cangaia* nesse jegue, monta e vai embora pela praia até onde o senhor der de topar com uma passagem”. O seu tio Epifânio, que não aguentava andar muito por conta da idade, foi montado até Alcobaça, lá eles deixaram o animal e pegaram um trem para Belo Horizonte e depois para o Rio de Janeiro onde encontraram com o agente do SPI. Eles fizeram a primeira reunião com eles e retornaram à Barra Velha.

Um tempo depois que eles retornaram, um pessoal do SPI veio para ver como é que tava a situação em Barra Velha, e dessa época que eles foram para o Rio de Janeiro pra cá, foi que começou a evolução de novo da conquista do território. Nesse período Manoel Santana se engajaria na luta pela demarcação do território e não pararia mais. Na época o cacique era o véio Epifânio, depois passou pra Luiz, por isso que o nome de Luiz capitão, porque não era cacique neste tempo, era capitão. E assim começou a história de Santana. Nesse período os Pataxó de Barra Velha não tinham liberdade nem sequer pra pegar lenha na aldeia, só após essa viagem que os Pataxó tiveram liberdade novamente para entrar nas matas do território pataxó. Ele sabia articular as suas ações diante da comunidade mesmo sem nunca ter ido à escola. Embora não saiba escrever, ele sabe ler e desenha o mapa do nosso território com todos os detalhe parecendo que foi um profissional de geografia

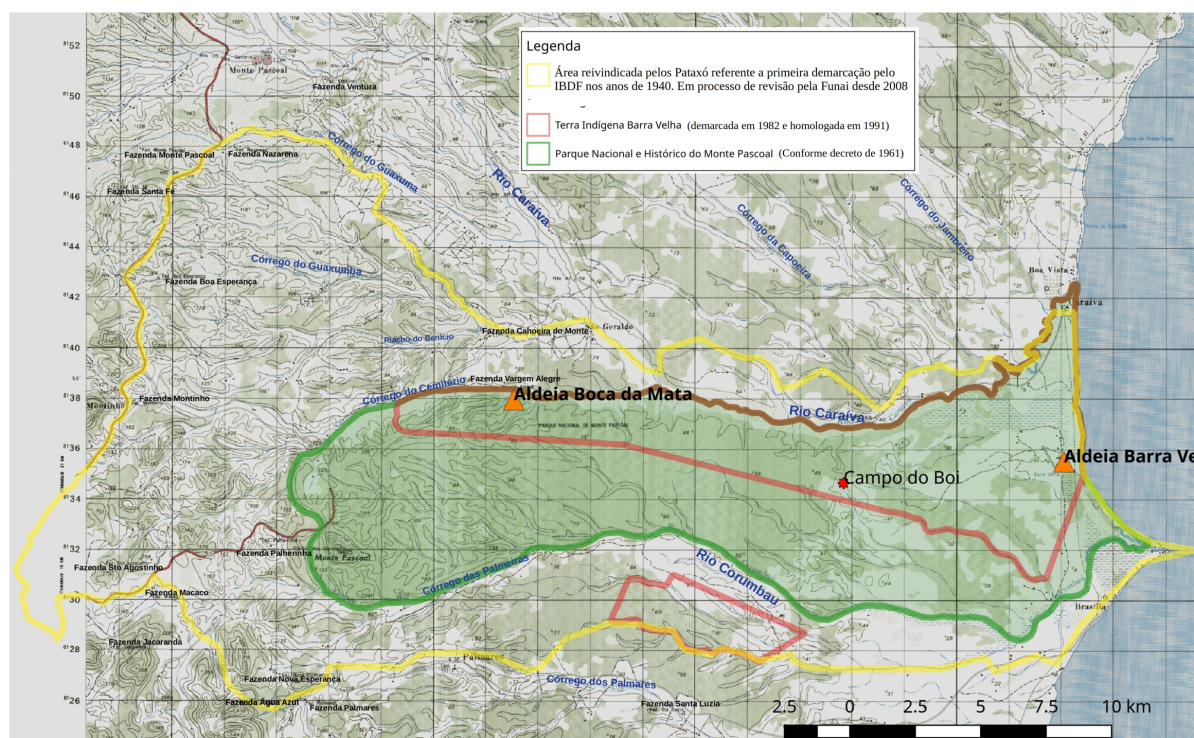
Depois do Fogo de 51, ainda jovem, tinha na sua mente um projeto que poderia lhe ajudar na conquista do território. Ele teve um sonho onde uma pessoa lhe disse: “faça um viveiro de plantas nativas para reflorestar as áreas degradadas do território e assim resolver os problemas com o IBDF”, órgão com o qual viviam sempre em constantes conflitos. Os guardas colocavam o maior terror: “Se botar roça levo todos presos!”. Foi então que Manoel Santana reuniu toda a comunidade para botar uma roça. Santana chamou seu irmão Firmo Ferreira e disse: “Vamos colocar uma roça, quando os guardas vierem eu vou preso por minha comunidade e você tome conta dos outros que ficarem”. Diante de tal iniciativa, seu irmão falou: “Você só não, eu vou também!” e então mais dois colegas também disseram que iriam com eles botar a roça. No dia seguinte todos estavam de prontidão para o trabalho, mas o que não sabiam é que na aldeia tinham três colegas que eram espões dos guardas. No dia seguinte eles saíram de Barra Velha e vieram no pé do Monte Pascoal falar com os guarda que os índios iam colocar roça. Quando foi a tarde mais de dez guardas chegaram na aldeia, mas para azar deles toda comunidade estava reunida, os guardas partiram todos com as armas em cima dos índios mas os índios não se amedrontaram, partiram pra cima deles também e foi aquela correria, os guardas não tiveram coragem de atirar e nesse momento os pataxó colocaram eles para correr.

No momento em que estavam discutindo descobriram que quem eram os traidores do grupo eram os próprios colegas que se assentavam junto com eles nas horas das conversas. No outro dia veio uma intimação de Caraíva, lá tinha um Juiz de Paz chamado Orentinho que conhecia eles muito bem. Os guardas chegaram lá e fizeram uma denúncia afirmando que os índios queriam matar eles, mas eles não disseram o porquê. Quando os índios chegaram lá, o juiz mandou que o grupo voltasse e só dois representantes dos índios fossem à Porto Seguro para prestarem depoimento. Para Porto Seguro foram Firmo, Antônio Braz e Liormiro, o restante do grupo voltou para a aldeia. Quando os dois indígenas voltaram da viagem trouxeram uma ordem do juiz autorizando os índios de colocar as suas roças. Naquela ocasião, todos da aldeia vieram agradecer a iniciativa e a coragem de Santana. Assim os índios criaram coragem e partiram para a luta em busca de apoio para a conquista de seu território. Em Porto Seguro o juiz recomendou que eles fossem à Brasília para avançarem em suas conquistas. Com isso os indígenas foram criando coragem e voltando para seus lugares de origem.

Quando foi para demarcar as 8.600 ha do território Barra Velha ele deu uma grande contribuição para a identificação dos pontos e dos rios no mapa da aldeia, ele conhece todos os pontos referentes ao nosso território. Assim, desde o início dos anos 1980 tivemos uma parte

de nosso território demarcado e seguimos na luta até hoje reivindicando a ampliação deste território que é de nosso direito. Na figura abaixo é possível observar a área demarcada em 1981 (e homologada em 1991), a área demarcada para o PNMP em 1961 e a área demarcada nos anos de 1940 pelo IBDF e que nós reivindicamos como nosso território.

Figura 2: Área demarcada do território da Aldeia Barra Velha



Fonte:

Nos anos 70, quando a Funai veio para Barra Velha, como os índios passavam muita dificuldades, a Funai comprou redes de pesca e uma canoa (porque dava muito peixe nessa tempo...). Aí, como meu pai já pescava, eles deram para o meu pai botar no mar e pegar o peixe e dividir com a comunidade. Assim, ele ia até o mar, botava a rede, trazia o peixe e dividia para as famílias. Nos dias que pegava muito peixe, ele dividia muito, nos dias que pegava pouquinho ou que não pegava nada, pegava só dois peixinhos, ele cortava as palminhas do peixe e dividia entre aquelas mulheres que estavam amamentando ou gestantes e ia pro mangue pegar caranguejo para ele comer.

Depois a Funai comprou um barco que não era a motor, era à vela, e deu para os índios pescar. Os índios foram para o mar pescar, ficaram uma semana pra lá pescando, garoupa, etc.,

e trouxeram para Barra Velha muito peixe, trouxeram o barco lotado de peixe, eles dividiram com a comunidade e venderam o excedente. Diante de tal sucesso, marcaram outra pescaria, disseram: “Na próxima semana nós vamos de novo pescar!” Só que era tempo de inverno, chovia muito, com vento forte e o pessoal mais velho falava: “Rapaz não vai esse mês porque não é bom de pesca e dá muito temporal”. O pessoal falava assim: “Olha, não vai não, porque o tempo vai mudar” E mostravam: “Olha o tempo vai mudar, olha a marca no céu aí...”. Os velhos conheciam e diziam: “O tempo vai mudar, vocês não vão sair pra fora”. No dia de ir (meu pai também ia pescar com eles) os índios teimosos: “Ah, nós vai, nós vai moço...”. E o pessoal mais velho dizia: “Rapaz não vai, o tempo vai mudar, o vento sul vai entrar... olha aí o vento sul aí...”. Mesmo assim o pessoal foi, foram sete (7) pessoas, meu pai ia neste dia também, mas na hora de ir ele falou que deu um sono, um sono mesmo que não teve jeito e teve que se deitar de baixo de um pé de mato. Disse que deitou e pegou no sono e o pessoal lá na praia esperando ele: “Rapaz, aquele cara não vai chegar não pra nós ir, vai passar da hora, vai passar da hora!” até que decidiram ir sem ele: “Vamo embora!”. Entraram no barco e foram embora sem ele. Nesse tempo foi o filho de Zé Antônio Braz, o irmão de Luiz, seu Guilhermino, o pai de Naldo que era marido de Cacilda, foi o pai de Gerson, que é o finado Zé Antônio e foi um tal de Forró, que tava em Barra Velha. Eles foram e não voltaram mais... Entraram para o mar e o tempo tava bom, mas aí veio o temporal, o vento sul entrou à noite e foi vento e chuva a noite toda. Foram três dias de temporal e vento forte e o pessoal da aldeia ficou muito preocupado. E eles sumiram no mar, sumiram mesmo e não voltaram mais. Então ficaram as índias na aldeia com os filhos e sem os maridos. Seu Manoel Santana, muito comprometido com aqueles seus parentes, ficou com mais essa tarefa de ajudar as mulheres de seus parentes que sumiram no mar. E assim, tudo que conseguia tinha que dividir com aquelas crianças, foi uma luta muito grande, um sofrimento por bastante tempo, mas lá estava ele, sempre para ajudar. Até hoje, aqueles meninos já estão velhos, pai de netos, mas mantém um grande respeito por ele. Todos têm um grande carinho por ele desde quando ele era rapaz, contam as pessoas que conheceram ele novo que ele fazia as suas roças e que quem precisava ele dava e não queria nada em troca.

Santana morou muitos anos em Barra Velha, depois se mudou para Boca da Mata e morou em Coroa Vermelha. Depois retornou à Boca da Mata onde mora atualmente. Com o seu projeto de vida ajudou a criar outras aldeias em torno do Monte Pascoal onde todos os outros novos caciques têm muito respeito pelo seu trabalho.

1.3. As lutas e estratégias para o acesso às políticas públicas para a Aldeia Boca da Mata

Em 1980, quando veio para Boca da Mata o primeiro funcionário da Funai, o sr. Cornélio, Santana teve a ideia de criar o primeiro grupo de liderança de Boca da Mata junto com a Funai para cobrar seus projetos para a aldeia pois a escola em Boca da Mata era uma extensão de Barra Velha. Santana se reuniu com as lideranças da aldeia e decidiram criar a sede da Aldeia Boca Mata. Com a sede pronta, a aldeia tinha autonomia para criar os seus próprios projetos e deixar de ser extensão de Barra Velha. Então eles foram até a Funai, ao CIMI e à ANAI e começaram a fazer os seus projetos para a aldeia Boca da Mata.

O primeiro projeto da aldeia que Santana fez foi para a ANAÍ e a CESE, lá de Salvador, para a compra de gado. Comprou 30 vacas para a aldeia mas, como os índios não sabiam lidar com o gado, as vacas acabaram morrendo. Mas eles continuaram fazendo projetos para a aldeia. Santana também teve a ideia de fazer três chafarizes de água na aldeia para as mulheres pegarem água no meio da aldeia para lavar a roupa e ter água mais fácil.

Quando Manoel Santana queria fazer um projeto para a aldeia nunca ele fazia sem antes acertar com os colegas para discutir os temas das atividades que deveriam ser feitas. Por isso, seus projetos nunca davam errados, no seu tempo de cacique toda família da aldeia tinha uma roça da família onde todos trabalhavam em forma de mutirão. Trabalhavam o mês todo, cada dia para uma família na aldeia. Isso era programado antes, onde todos se preparavam pois sabiam que naquele mês todos iriam colocar roça, não ficava ninguém sem botar roça, até os homens da aldeia que não tinham mulher tinham roça, pois eles também participavam dos trabalhos comunitários.

Ele é católico e devoto de Santo Reis. Foi ele também quem criou a primeira igreja na aldeia. Ele também incentivou a pesquisa da língua Patxôhã e as festas tradicionais de Santo Reis no dia 6 de janeiro, São Sebastião no dia 20 e São Braz no dia 3 de fevereiro. Eram festas que eram celebradas só em Barra Velha. Seu projeto se tornou um grande evento da aldeia e hoje é uma grande atração para a região. As festas tradicionais na aldeia todo ano têm um festeiro diferente, antes era só para os índios, mas hoje outras pessoas não indígenas também podem pegar o ramo na festa.

Em Boca da Mata, Manoel Santana também é conhecido como *seu Pedro* (*aqui me parece que seria necessário explicar melhor porque ele era chamado de seu Pedro na comunidade, já que não era esse o nome dele e daqui para frente ele é mencionado como seu*

Pedro no trabalho....) pelos seus colegas. Na aldeia ele realizou muitas atividades tanto na busca da saúde quanto na educação. Ele lutou pelo desenvolvimento da aldeia quando passamos a depender da política do homem branco e passou a cobrar pelo social da aldeia. Ele sempre teve uma boa relação com os não índios, é um grande pensador sobre a educação. Ele sempre incentivou os seus filhos a estudarem, por isso a sua família sempre teve uma boa referência na comunidade.

1.3.1. Projeto comunitário e atuação política

De acordo com a história de seu Santana, o seu pensamento sempre foi trabalhar para ajudar a comunidade no desenvolvimento sustentável gerando uma economia própria com profissionais da aldeia atuando em todas as áreas de trabalho como na educação, na saúde, como motorista ou agente ambiental para fiscalizar o território e em seus arredores. Essas propostas que ele tinha ele não guardava só pra ele. Ele pegava essas ideias e transformava em projetos para a aldeia e com isso foi multiplicando os seus conhecimentos como um bom líder que sempre foi.

Na política conheceu José Ubaldino Pinto, candidato a prefeito que ajudou na abertura das estradas para o acesso da aldeia e também construiu o primeiro colégio da comunidade. Foi o começo de uma relação com um prefeito eleito com ajuda da comunidade indígena que fez algo para o povo e que eles não se esqueceram. Para poder fazer seus projetos, Santana tinha o cuidado de toda vez que retornava de uma viagem, fazer uma reunião para dizer o que tinha ouvido das autoridades. Essa é uma preocupação que, às vezes, as lideranças de hoje não têm.

Ele sempre quis ter um representante político indígena para que as autoridades pudessem ouvir os povos indígenas. Com um representante Pataxó ele tinha certeza que poderia cobrar do município, do estado ou mesmo em Brasília. Com os nossos representantes políticos indígenas estaríamos mais seguros para ir em busca dos nossos direitos. Seu Pedro tem uma grande importância para a comunidade, quando ele se aposentou pegava o seu dinheiro e comprava tudo da feira e distribuía com a comunidade, quando chamava o povo para uma reunião vinha todos da aldeia e faltava espaço para as pessoas.

1.3.2. Geração de renda e sustentabilidade ambiental

Ele também sempre teve uma preocupação com a preservação do meio ambiente, sempre foi mostrando e explicando para as pessoas da aldeia. Sempre falava com os mais novos: “Quando você ir na mata derrubar uma árvore, derrube uma e plante duas porque nunca vai faltar, sempre vai ter”.

Boca da Mata nos anos 2000 começou a perder as matas, foi quando seu Pedro colocou mais um de seus pensamentos em prática, o seu projeto de reflorestar as áreas que estavam sendo desmatadas ou que sofriam com as queimadas na aldeia. E assim, ele reuniu as pessoas da comunidade e mostrou a sua ideia. E assim, esse projeto cresceu tanto que se tornou uma cooperativa de plantas nativas (COOPLANJÉ) e hoje se tornou uma fonte de renda para algumas famílias que viviam da confecção de artesanatos e que precisavam de outro tipo de renda para sobreviver. Aos poucos esse projeto foi se tornando grande e hoje as mudas são vendidas para empresas que fazem reflorestamento na aldeia e fora da aldeia.

O projeto de seu Pedro hoje é uma referência que outras aldeias também querem desenvolver. A ideia é reflorestar as áreas degradadas no entorno do Monte Pascoal. A ideia de seu Pedro é também fazer matéria prima de artesanato para as futuras gerações Pataxó uma vez que seu lema é: “Se plantar pode colher!”.

Santana criou várias ideias para a sustentabilidade da aldeia como, por exemplo, a proposta de se fazer roças de modo agroflorestal. Essa proposta foi feita junto à órgãos do governo e entidades há muito tempo, mas que agora foi aprovado pelo BNDES para se implantada roça agroflorestal para a sustentabilidade da aldeia. Esse projeto ainda não é suficiente para ajudar toda a comunidade, mas já tem outras propostas que futuramente poderão beneficiar mais famílias na aldeia.

1.3.3. Escola e qualificação profissional

Nos anos 80, funcionava na aldeia uma escola feita de taipa pela comunidade até que vieram os projetos da prefeitura, como a escola e o posto de saúde construídos. Então, ele tinha um lema com ele e falava para as pessoas assim: “o seu dinheiro está no banco”. O povo, ouvindo isso ficava assustado e perguntava: “Como o meu dinheiro está no banco?” No que ele respondia: “É muito simples, é só você estudar, estamos precisando de profissionais para trabalhar na aldeia”. O sonho dele era criar os seus próprios profissionais nas suas áreas de trabalho, tanto na saúde, na educação, no saneamento etc. Assim ele brigou para a construção

de um bom colégio na comunidade onde as crianças deveriam estudar e formar os seus professores indígenas.

Ele tinha uma preocupação com a educação onde o seu sonho era ver as crianças estudando para tomar conta das suas próprias escolas nas aldeias Pataxó. Mesmo antes, quando não tinha nenhuma escola em nossa região, ele reunia aqueles pais que queriam que seus filhos estudassem e procurava alguém que sabia ler alguma coisa e pagava essa pessoa com material da roça.

Desde então, quando a FUNAI chegou em nossa aldeias e colocou a primeira escola, para seu Santana foi um grande avanço para os Pataxó e assim, realizava mais um dos seus sonhos. Com esse pensamento nunca mais parou de seguir seu extinto de ir sempre buscar uma boa escola para seus parentes estudarem. Seu Santana sempre sabia conduzir as suas manifestações e movimentos em que ele estava à frente, era um dos melhores articuladores quando ia às reuniões com os órgãos do governo para discutir assuntos da comunidade.

O seu lema era que os jovens da aldeia pudessem encontrar uma maneira de trocar o arco e a flecha pelos livros e os cadernos, ele sabia que através da escola os jovens iriam encontrar novos conhecimentos para melhor dialogar com as autoridades do país para o reconhecimento de seus espaços de sobrevivência. Foi assim que seu Manoel Santana sempre incentivou e cobrou de seus filhos para que estudassem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Manoel Santana sempre foi de coletividade, de buscar recurso e desenvolver a comunidade no trabalho, na educação, na política, na saúde, na construção da aldeia. Levantou várias ações e hoje na aldeia ele é lembrado pelas pessoas que vivenciaram sua trajetória política e sua luta pelo reconhecimento dos direitos de nosso povo. Por onde Santana passou sempre tem algo para ser lembrado, gosta de uma festa de Reis no mês de janeiro e é devoto de São Sebastião e São Braz.

Como vimos, o território Monte Pascoal se tornou palco de luta entre os Pataxó e o órgão do IBDF no passado, pois foi criado um parque nacional em cima do espaço indígena. Até então, nosso povo vivia livre em um lugar com mata, rios, mangues, lagoas e muita fartura de frutos, raízes e mariscos. O governo e os fazendeiros da região foram quem colocaram a vida de nosso povo em um verdadeiro conflito de terra, onde o principal prejudicado foram nós, indígenas. Eles se baseavam em uma lei antiga da capitania de Porto Seguro onde quem não tem o documento de terra não é dono dela. Porém, baseado em uma lei de Deus, Santana nunca desistiu de lutar por seus ideais. Ele queria encontrar uma maneira para dar abrigo ao seu povo, sempre que podia reunia o povo para falar da demarcação do seu território.

Na época do fogo de 51 ele foi um grande marco de resistência, pois não arredou o pé da aldeia e não se curvou diante das ameaças de autoridades que apareciam na comunidade. Ele sempre tinha argumentos para debater e falar temas relativos às questões do seu povo. Com o crescimento da população Pataxó nos últimos anos, seu Manoel Santana ajudou na conquista dos espaços das outras aldeias, sendo que quando ele não podia ir nas retomadas, ele mandava um grupo de parentes ir para ajudar as outras pessoas. O seu forte não era fazer retomada, ele sempre preferiu partir para a lei. Sempre que surgia uma retomada ele ia, ou já estava em Brasília para comandar as negociações com as autoridades juntos com os demais companheiros e lideranças das aldeias.

Santana, como era referência para os demais caciques, também era um grande conselheiro. Ele sabe dialogar com as pessoas com dinâmica para distrair o público. Se ele via um pai de família jogando bola no meio de semana, quando ele ia até a casa dessa pessoa, ele conversava com ela, com muito respeito ele falava: “Olha seu fulano, você é um pessoa de respeito na aldeia, mas seu filho precisa de você, deixe a bola para o fim de semana, vai plantar

no seu quintal um pé de banana, um pé de cana, um pé de batata e quando for daqui alguns dias você terá até pra vender e não vai ser preciso comprar”

A comunidade tem ele como referência em todos os pontos positivos que venha beneficiar o povo. Se uma pessoa queria brigar na aldeia, ele não mandava prender, ele chamava três vezes no conselho e essa pessoa por si mesma acabava envergonhada e até sumia da aldeia. Ele visitava a casa de todas as pessoas na aldeia e incentivava a todos da aldeia a estudar. Ele dizia que só através do estudo é que nós poderíamos encontrar conhecimento para ir em busca de novos reconhecimentos de nossa identidade como Pataxó do território Monte Pascoal.

REFERÊNCIA

LEITURAS Pataxó: raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas. Salvador: MEC / FNDE / SEC / SUDEB, 2005.